



HAITI / O procurador-geral Bed-Ford Claude pediu à Justiça o indiciamento de Ariel Henry, após revelar que o primeiro-ministro conversou por duas vezes, por telefone, com suspeito de matar o presidente Jovenel Moïse. Chefe de governo reage com destituição

Suspeito de magnicídio, premiê afasta promotor

» RODRIGO CRAVEIRO

O promotor-chefe do Haiti, Bed-Ford Claude, foi demitido pelo primeiro-ministro do país, Ariel Henry, após pedir à Justiça o indiciamento do chefe de governo pelo assassinato do presidente Jovenel Moïse, em 7 de julho passado. Em 10 de setembro, o próprio promotor enviou carta a Ariel Henry na qual lhe informava sobre a descoberta de dois telefonemas feitos por Joseph Félix Badio, um dos suspeitos do magnicídio, ao premiê haitiano. As ligações foram realizadas às 4h03 e às 4h20, cerca de três horas depois de Moïse ser executado por um comando armado (leia Entenda o caso). Na mensagem, Claude “convidava” Henry a prestar esclarecimentos sobre o fato, na sede da promotoria. Até o fechamento desta edição, Badio seguia foragido.

Em outra carta, o procurador-geral pediu ao juiz Garry Orélien, responsável pelo caso e titular do Tribunal de Primeira Instância de Porto Príncipe, que investigue Henry na condição de réu pelo assassinato de Jovenel. Na última segunda-feira, Henry emitiu um documento no qual comunicava o desligamento do “comissário do governo” — cargo correspondente ao de procurador-geral —, sob a justificativa de “falta administrativa grave”. O teor do texto somente teria sido divulgado ontem, assim como uma carta aberta à nação. “Tenho o prazer de informá-los que foi decidido destituí-lo do cargo”, anunciou Henry. A demissão de Claude expôs uma disputa política interna em um ambiente tenso e em meio à transição desordenada.

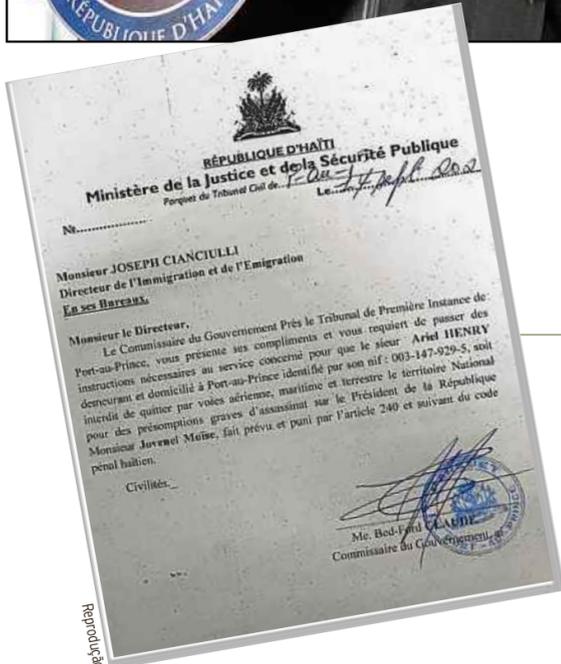
“Existem elementos comprometedores suficientes que formam a (minha) convicção sobre a oportunidade de imputar o Sr. Henry e solicitar sua acusação pura e simples”, declarou Claude na carta endereçada ao tribunal de primeira instância de Porto Príncipe. Badio, o homem com quem Henry conversou, por telefone, na madrugada do assassinato de Jovenel, trabalhou na unidade anticorrupção do Ministério da Justiça. De acordo

Valerie Baeriswyl/AFP



O premiê Ariel Henry (foto): suspeito de envolvimento no atentado que matou Moïse e feriu a primeira-dama, Martine (D), em 7 de julho

Hector Retamal/A



Reprodução

com o promotor-chefe, a geolocalização identificou que as chamadas telefônicas de Badio ao primeiro-ministro partiram da residência oficial da Presidência do Haiti, na Rua Pèlerin 5, bairro de Pétion-Ville, na periferia de Porto Príncipe.

Ativista social em Porto Príncipe, Ralph Emmanuel François viu a decisão de Bed-Ford Claude como “um passo importante e corajoso na busca da verdade

sobre o assassinato de Moïse”. “Mas, acredito que seja, principalmente, uma manobra política de aliados do presidente para controlar o poder e o processo político”, afirmou ao *Correio*. De acordo com ele, o premiê Ariel Henry destituiu o procurador-geral na segunda-feira. “O afastamento começou a vigorar hoje (ontem). Henry também demitiu o ministro da Justiça (Rockefeller Vincent). Eles atua-

Saída proibida do país

Em carta enviada a Joseph Canciulli, diretor da Imigração do Haiti, o promotor-chefe Bed-Ford Claude pede que o premiê Ariel Henry seja proibido de abandonar o país pelas vias aérea, marítima e terrestre. Ele aponta as “graves presunções de assassinato do presidente da República, Jovenel Moïse, fatos previstos e punidos pelo artigo 240 do Código Penal haitiano”.

ram em conluio contra o primeiro-ministro”, disse François.

Confusão

O advogado haitiano, jornalista e ativista de direitos humanos Antonio Mortimé contou à reportagem que, ontem à noite, havia uma tentativa de instalar o líder do Senado, Joseph Lambert, como presidente interino. “A depender dessa manobra saberemos o que ocorre-

» Entenda o caso

Comando mercenário

O presidente do Haiti, Jovenel Moïse, foi assassinado por um comando armado que invadiu a residência oficial em 7 de julho. O chefe de Estado recebeu 12 disparos e teve o gabinete e os aposentos saqueados. A primeira-dama, Martine Moïse, ficou gravemente ferida e acabou transferida às pressas para um hospital de Miami, nos Estados Unidos. O chefe da Polícia Nacional Haitiana, Leon Charles, relatou que o esquadrão que matou Jovenel

era formado por 26 colombianos e dois haitianos com nacionalidade norte-americana. Três suspeitos foram mortos em combates com as forças de segurança.

Ao todo, 44 pessoas foram presas no âmbito da investigação. O Ministério da Justiça ofereceu uma recompensa de US\$ 60 mil por três fugitivos considerados importantes no crime: Wendelle Thelot Coq, Joseph Félix Badio e John Joël Joseph. Sobre o trio pairam 17 mandados de prisão. Em 13 de agosto passado, Mathieu Chanlatte, juiz de instrução designado para comandar a investigação, abandonou o caso, alegando razões pessoais.

rá com a decisão de Ariel Henry de afastar Bed-Ford Claude”, explicou.

A confusão política instalou-se no Haiti. Pela lei, um premiê não pode ser interrogado a menos que o presidente autorize. No entanto, depois da morte de Jovenel Moïse, ninguém ascendeu à Presidência do Haiti. “A posição de Henry não é compreensível, nem tampouco aceitável”, opinou Mortimé. Enquanto falava ao *Correio*, por volta das 20h45

de ontem (hora de Brasília), ele contou que se escutavam disparos de armas automáticas na entrada sul de Porto Príncipe.

Henry, médico especializado em neurocirurgia, foi nomeado chefe de governo por Jovenel, 48 horas antes de o presidente ser assassinado. Durante a posse, em 20 de julho, o primeiro-ministro prometeu combater a insegurança galopante no país e convocar eleições antecipadas.

BREXIT

Reino Unido adia controles alfandegários à UE

O governo britânico decidiu adiar a introdução de controles alfandegários completos sobre as importações da União Europeia (UE), buscando uma abordagem “pragmática” no momento em que o Reino Unido começa a enfrentar dificuldades de abastecimento. “Queremos que as empresas se concentrem na recuperação pós-pandemia em vez de ter que lidar com novas demandas na fronteira, razão pela qual estabelecemos um novo cronograma pragmático para a introdução dos controles nas fronteiras”, anunciou o ministro responsável pelo Brexit, David Frost, em comunicado à imprensa. “Agora, as empresas terão mais tempo para se preparar para esses controles, que serão implantados gradativamente ao longo de 2022”, acrescentou.

A pandemia de coronavírus causou problemas de abasteci-

mento no Reino Unido, que são sentidos particularmente no setor agroalimentar, onde novas regras sobre a importação de produtos de origem animal deveriam ser introduzidas a partir do próximo mês. Para dar às empresas mais tempo para se adaptarem, essas regras serão adiadas para 1º de janeiro.

O governo decidiu ainda que, enquanto declarações e controles serão introduzidos em 1º de janeiro de 2022, conforme planejado, declarações de segurança e proteção, como os certificados fitossanitários, não serão exigidos antes de 1º de julho de 2022. No Reino Unido, os problemas de abastecimento são amplificados pela escassez de mão de obra, principalmente no transporte rodoviário. Muitos desses trabalhadores, principalmente os do Leste Europeu, voltaram para seus países. Além da

Justin Tallis/AFP



Caminhões em fila no porto de Dover, na costa sul da Inglaterra

pandemia da covid-19, o outro fator foi o Brexit, que dificulta a obtenção de novas autorizações de residência. De acordo com a ministra do Comércio, Liz Truss, os problemas atuais precisam

ser tratados “de forma tão flexível quanto possível”.

Anthony Glees, professor emérito da Universidade de Buckingham (Reino Unido), explicou ao *Correio* que há dois mo-

tivos para o adiamento da imposição de controle alfandegário sobre produtos da União Europeia. “O primeiro deles diz respeito a um atraso global nas cadeias de abastecimento, e isso nada tem a ver com o Brexit”, afirmou. “O segundo envolve dois problemas específicos provocados pelo Brexit: a escassez de 10 mil caminhoneiros — resultado direto da saída do Reino Unido do Mercado Único Europeu, de modo que nenhum motorista de cargas pesadas da UE poderá trabalhar para empresas britânicas — e os controles fronteiriços do Brexit sobre alimentos e mercadorias do Reino Unido que entram na UE”, acrescentou. Segundo o especialista, os consumidores britânicos têm notado grande escassez de alimentos e de frutas da União Europeia, além de materiais de construção.

» Eu acho...

Arquivo pessoal



“O governo espera que, ao adiar o controle alfandegário e buscar mercadorias na

Austrália e na Nova Zelândia, a escassez possa ser mitigada. É claro que isso se revela um absurdo, e o governo de Boris Johnson sabe disso. As autoridades britânicas fazem uma tremenda aposta de que os 52% dos cidadãos que votaram pelo Brexit suportarão a escassez de alimentos básicos e de outros suprimentos vitais à nossa economia. Como sempre, é o pobre que tem de pagar mais por comida e outros bens.”

Anthony Glees, professor emérito da Universidade de Buckingham (Reino Unido)